

Lutar com o risco. A prática do Mixed Martial Arts– MMA como ordálio moderno

Fight the risk. The practice of Mixed Martial Arts– MMA as a modern ordeal

Nunes de Sena, Claudio Henrique*

Universidade de Fortaleza. Brazil
claudiohns@gmail.com

Marques Rodrigues, Kadma**

Universidade Estadual do Ceará. Brazil
kadma.rodrigues@uece.br

Resumo

Este artigo analisa a prática do Mixed Martial Arts – MMA como categoria de ordálio moderno apresentada por David Le Breton, tendo as proposições e ideias de Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant como bases epistemológicas. Para tanto, foi tomado como corpus da pesquisa atletas desta modalidade esportiva e seu grupo associado. Adotou-se a metodologia de pesquisa essencialmente qualitativa, com levantamento bibliográfico, documental e exposição ao campo a partir da observação participante. Foram identificados fatores e características deste esporte de combate, aqui considerada com o termo “luta”, que asseguram o enquadramento do MMA na categoria de ordálio moderno, tendo o risco e as variações deste como elemento predominante.

Palavras-chaves: Conduta de risco; Ordálio, MMA; Esporte; Risco.

Abstract

This article analyzes the practice of Mixed Martial Arts - MMA as a category of modern ordeal presented by David Le Breton, having the propositions and ideas of Pierre Bourdieu and Loïc Wacquant as epistemological bases. Therefore, it was taken as research corpus athletes of this sport and its associated group. The essentially qualitative research methodology was adopted, with bibliographic, documentary and field exposure based on participant observation. Factors and characteristics of this combat sport were identified that ensure the fit of the MMA in the category of modern ordeal, having the risk and variations of this as the predominant element.

Keywords: Risk conduct; Ordeal; MMA; Sport; Risk.

* Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – UECE e docente da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. ORCID: 0000-0002-2881-7448

** Doutora em Sociologia e docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. ORCID: 0000-0002-7310-958X

Lutar com o risco. A prática do Mixed Martial Arts– MMA como ordálio moderno

Introdução

Dentre muitas escolhas que cabem aos homens e às mulheres contemporâneos, uma se impõe de modo recorrente ao longo da vida: a tentativa de obter estabilidade e existência segura ou justamente a fuga, mesmo que momentânea, desta vida, a partir de experiências de risco. Em seu "Conduta de Risco: dos jogos de morte ao jogo de viver", David Le Breton aponta o risco como inerente à condição humana (Le Breton, 2009), porém, há que se deter esforços na empreitada de compreender o modo como estes comportamentos arriscados são articulados e impelidos pelos sujeitos.

Ao analisar as esferas distintas da vida moderna, é possível perceber uma convivência dual com o risco, pois um paradoxo inevitavelmente se coloca a alguns indivíduos: de um lado, os riscos indesejados – doenças, assaltos, falta de criatividade, dentre outros; de outro, os riscos buscados – esportes radicais, investimentos financeiros, profissões arriscadas, por exemplo. Trata-se do que Le Breton denomina de uma "pluralidade de risco" (Le Breton, 2009), a qual homens e mulheres de distintas idades convivem nas sociedades modernas.

O trabalho aqui proposto visa analisar uma prática esportiva permeada pelas "condutas de risco" que serão expostas e fundamentadas ao longo do texto. Trata-se do *Mixed Martial Arts – MMA*,¹ um esporte de combate que mescla de artes marciais diversas de origens e características variadas, aspecto que abordaremos a seguir, neste texto. Para tanto, será evocado um termo metafórico exposto por David

1 Esporte, luta, esporte de combate, arte marcial, modalidade esportiva são classificações atribuídas ao MMA, porém reconhecemos distintas significações. Consideramos o MMA como um esporte que contém em seu uso corriqueiro termos como "luta", "lutador", "lutar". A luta é o espaço de tempo designado para o combate entre dois lutadores. O lutador trata-se do indivíduo praticante deste esporte. Lutar é a ação desenvolvida pelo lutador durante sua apresentação.

Le Breton a partir da classificação de determinadas condutas de risco como ordálios modernos.

O objetivo deste artigo é analisar a prática desta atividade esportiva, identificar perigos e ameaças nesta, bem como verificar seu possível enquadramento como conduta de risco, utilizando como marco epistemológico e fundamentação a categoria de ordálio de Le Breton. Além do autor supracitado, recorreu-se também às ideias de Loïc Wacquant (2002) apresentadas em seu trabalho *Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, e demais autores dos campos da sociologia e antropologia. Wacquant atravessa a pesquisa a partir de duas perspectivas: tanto pela base teórica quanto pelos métodos empregados, ambos expostos no livro citado anteriormente. A intercessão das ideias de Le Breton e Pierre Bourdieu, nas quais a pesquisa e o texto presente recorre, dar-se, sobretudo, pelo viés do corpo e da sua instrumentalidade, um aspecto carnal que vagueia entre o risco e o êxtase. Tanto para Bourdieu (2011) quanto para Le Breton (2009) o corpo é instrumento para ação dentro do contexto em que está inserido.

Como metodologia essencialmente qualitativa, além da pesquisa bibliográfica, aplicou-se a pesquisa exploratória e, sobretudo, a observação participante. O pesquisador e autor deste trabalho esteve cerca de quatro anos a acompanhar a equipe V8 de MMA sediada na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará. Foram realizadas pesquisas com presença efetiva em campo de modo contínuo nos treinamentos, bem como a participação em eventos de lutas profissionais e amadoras.

Neste texto, optou-se em adotar o primeiro nome dos lutadores entrevistados, com consentimento deles. Nas transcrições de depoimentos citados neste artigo também foram indicados os anos em que estes foram prestados ao pesquisador autor deste trabalho. Essa decisão e ação foram assumidas durante toda a pesquisa, inclusive no texto da tese.

Este artigo é decorrente dos resultados aferidos pela pesquisa realizada no âmbito do curso de doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação do Brasil durante o período do Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior realizado na cidade de Lyon, França. A tese advinda desta pesquisa teve defesa pública em 11 de março de 2021 e foi considerada aprovada.

Do ordálio medieval ao ordálio moderno

O conceito de ordálio ou ordália, também denominados de “juízo de Deus” (Barthélemy, 1988), remete a tempos medievais em que uma justiça divina era evocada como prova judiciária. Diante de situações nas quais careciam evidências materiais de acusação ou defesa, o réu era submetido à uma experiência de alto risco de vida, envolta em componentes supersticiosos.

Na obra *Diversité des ordalies médiévales*, Dominique Barthélemy (1988) realiza uma pesquisa histórica sobre a variedade e a aplicação dos ordálios, classificando-os como “reliquia pagã do cristianismo” (Barthélemy, 1988), um processo que, segundo ele, de certo modo remete ao calvário. Em dissertação de mestrado intitulada “Ordálios e Duelos nos escritos de Agobardo de Lyon”, o autor Marcelo Moreira Ferrasin (2013), caracteriza os ordálios como irracionais à luz de sistemas jurídicos modernos. Para Le Breton, o ordálio pode ser compreendido historicamente como:

Um rito judiciário sob forma radical que fornece, em um mesmo movimento, a prova de acusação e condenação à morte do culpado, ou então a inocência e a sobrevivência. A instância divina solicitada dá seu veredito no decorrer de uma prova dolorosa ou perigosa. Se sair ileso, o homem mostra que a divindade está a seu lado na afirmação de sua inocência. Se morre ou fracassa, sua culpa já não deixa dúvida aos olhos de sua comunidade (Le Breton, 2009, p. 161).

Peter Burke (2002) resgata casos de ordálio medievais como dignos de atenção de historiadores:

Nos primórdios da Idade Média, a culpa ou a inocência algumas vezes era determinada por um ordálio – como carregar ferro em brasa ou mergulhar a mão do suspeito em água fervente – há muito vem constituindo um

grande obstáculo à compreensão do período (Burke, 2002, pp. 129 -130).

A Le Breton (2009) coube a tarefa de atualizar e metaforizar o ordálio aos tempos atuais. É o que ele classifica como “ordálio moderno”:

Põe à prova a determinação do caráter. Mediante excessiva exposição ao risco, o ator joga com a eventualidade de morrer para garantir-se. Se escapa da situação de perigo a que se expôs deliberadamente, com lucidez desigual de um indivíduo para outro, ele se confere a prova de que sua existência possui um significado e um valor (Le Breton, 2009, p. 162).

Ao afirmar a categoria de metáfora para o ordálio moderno, o autor também confere ao termo distinções inevitáveis com os casos medievais. A escolha proposital, lúcida e intencional do ator configura-se como um dos principais marcos de distinção entre os dois tipos de ordálio.

O sujeito moderno forjaria uma situação arriscada ou se submeteria a esta reconhecendo seus riscos onde a dimensão carnal (Wacquant, 2002) estaria inevitavelmente em jogo. O caso específico tratado por Loic Wacquant (2002) em sua pesquisa na academia de boxe demonstra uma particularidade, na qual reside o fato de que a fuga dos riscos vivenciados pelos praticantes em meio às adversidades da rua ocorre pela prática de uma atividade esportiva arriscada.

O salão de boxe define-se em uma relação de oposição simbiótica com o gueto... ele se opõe à rua como ordem à desordem, como a regulamentação individual e coletiva das paixões à anarquia privada e pública, como a violência controlada e construtiva, pelo menos do ponto de vista da vida social e da identidade do boxeador (Wacquant, 2002, p. 76).

A violência controlada daria garantias aos riscos intrínsecos à prática esportiva? Essa é também uma questão central para a análise sobre os praticantes de MMA a ser realizada neste trabalho.

A ocorrência do ordálio moderno não estaria presente necessariamente em práticas esportivas de todas as ordens. Nota-se tanto na pesquisa empírica realizada junto aos praticantes de MMA, quanto na revisão bibliográfica de aporte epistemológico histórico do termo ordálio com ênfase na atualização do conceito por Le Breton (2009), que o ordálio moderno é percebido de modo recorrente em luta de alto risco.

Não deseja-se aqui expor a hierarquização e a classificação a partir de graus de risco à vida dos praticantes, porém, o que percebe-se tanto em Wacquant (2002) no caso do boxe, na prática do MMA a ser apresentada neste artigo, bem como nos esportes com eminente risco de lesões graves e mesmo de óbito, a exemplo do rafting, a escalada e o parapente (Le Breton, 2009), são a exposição ao risco como elemento inerente a essas práticas esportivas contemporâneas.

O que se percebe tanto em Wacquant (2002) quanto Le Breton (2009) é a análise do conjunto mente e corpo como imbricados no processo de viver o ordálio moderno. Na prática de uma atividade esportiva arriscada instala-se um “fenômeno biossociológico” (Wacquant, 2002, p. 170) impregnado de esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos.

Porém, antes da submissão à atividade, existiria uma necessidade iminente para tal. Um indivíduo desestabilizado (Hall, 2006), em constante processo de busca por completude, persegue um devir e uma satisfação, nem que seja momentânea ou como fuga da normalidade da vida. “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Hall, 2006, p. 12).

Essa perspectiva de instabilidade de identidade e personalidade é confirmada por Le Breton que firma o sujeito numa possível trama social que falhou em legitimar a existência do indivíduo, em fornecer-lhe razões para viver ou proporcionar-lhe um enraizamento suficiente (Le Breton, 2009).

É na prática do ordálio moderno, sobretudo em atividades esportivas de alto risco, que o sujeito empreende fuga da normalidade e busca uma “fonte radical de criação de sentido pelo confronto simbólico ou real com a morte e com a mediação de uma prova pessoal” (Le Breton, 2009, p. 163). “Constitui-se um rito para si mesmo” (Le Breton, 2009, p. 62).

Preâmbulos para o entendimento do MMA

O MMA – *Mixed Martial Arts*, traduzido da língua inglesa como Artes Marciais Mistas é uma atividade esportiva que mescla lutas e modalidades de combate de diversas origens. Em seu início na década de 80, ainda antes de ser tomada como modalidade própria e denominada de “vale-tudo”, evocava um desafio entre artes marciais distintas para avaliar a eficiência de uma sob a outra. Posteriormente,

o MMA passa a ser regido por normas e regras específicas, com seu descumprimento submetido a punições severas pelas organizações estabelecidas em todo o mundo. Atualmente, o MMA configura-se, na definição da pesquisadora Juliana Camilo (2016): “um combate caracterizado pelo emprego de técnicas corporais oriundas de diversas artes marciais e/ou esportes de combate, tais como: Jiu-Jitsu, Boxe, *Kickboxing*, Muai Thay, Luta Greco-Romana, Kung Fu, Karatê, Capoeira, Judô, entre tantas outras” (p. 23).

Sua prática de treinamento ocorrem em academias especializadas em determinadas artes marciais ou no próprio MMA. O ringue de boxe ou *kickboxing*, o tatame,² além de equipamentos e espaços de condicionamentos físico são utilizados de modo recorrentes pelos atletas, seja como atividade de lazer ou na preparação para as lutas. Além desses espaços, há um mais significativo dentre todos: o octógono. É neste que as competições são realizadas e onde se podem desenvolver também os treinamentos. Trata-se de um espaço com oito lados cercado por grades de ferro.

As regras e estatuto para prática do MMA profissional seguem as diretrizes impostas, sobretudo pela Comissão Atlética Brasileira de MMA (CABMMA) no Brasil e pela *Association of Boxing Commissions* (ABC) nos Estados Unidos. Disponível no site da CABMMA, o documento com regras unificadas contém 21 páginas de conteúdo que caracteriza, regulamenta e rege os eventos profissionais associados à organização. Dentre as proibições, cabeçadas, mordidas, dedos inseridos nos olhos, cuspes, puxões de cabelo, ataque à região genital, jogar o adversário para fora do ringue, colocar dedo em qualquer orifício, corte ou laceração, chutar a cabeça do adversário caído.

Os combates devem ter três *rounds*³ de cinco minutos com intervalos de um minuto. Nas disputas de cinturão,⁴ ocorrem cinco *rounds* de cinco minutos. Os lutadores portam luvas, *short*, protetor

2 Superfície plana confeccionada a partir de tecido e palha ou de borracha, local onde são praticadas esportes como jiu-jitsu, judô, karatê, dentre outras artes marciais.

3 Tempo de luta contínuo sem intervalo, iniciado com a indicação do árbitro principal e finalizado com sinal sonoro.

4 Como premiação para os ganhadores, são entregues cinturões de couro ornamentados. Esses objetos, que tem sua origem no pugilismo, tendem a substituir o troféu tão comumente entregues em demais atividades esportivas. A disputa de cinturão trata-se costumeiramente da luta principal do evento. O lutador ganhador consagra-se como o detentor do cinturão e pode ser desafiado com lutas onde o adversário busca tomar seu posto como campeão de determinado evento ou organização, neste caso, trata-se de uma disputa de cinturão.

bucal e protetor genital aprovados pela comissão organizadora do evento, de acordo com a normas do documento disponível no site da CABMMA.

Exposto em linha gerais o MMA, adentramos nas especificidades que atribuem a esta prática esportiva seu caráter arriscado.

O MMA como uma atividade de risco assumido

A prática do MMA envolve em si uma série de adequações e proações a nível mental e, sobretudo, físico e corporal. O atleta profissional é, inevitavelmente, submetido a situações que carregam a marca do risco em seu desenvolvimento. Os lutadores vivem em constantes ações arriscadas subsequentes ao MMA escolhidas deliberadamente ou impostas pela circunstância de determinado momento (Le Breton, 2009, p. 26).

Percebo, ao longo das incursões em campo, pelas práticas dos treinos junto aos atletas, pelo acompanhamento das dietas restritivas, da preparação física, das relações interpessoais que se apresentam a mim, em meio aos atletas estudados, que o risco atravessa a prática do MMA. A luta é o momento arriscado extremado, mais facilmente identificado, mas a convivência com o risco de ter o próprio corpo do atleta acometido por fatalidades esperadas e inesperadas é constante ou mesmo de lesionar o oponente ou companheiro de treino.

No MMA, arrisca-se a si e ao outro ao desferir e receber golpes entre colegas de equipes, na perda de peso, nos momentos diários de treinamento, nos momentos de pedir para desistir ou de fazer o outro solicitar a desistência por meio de nocautes ou de finalizações. Há outro risco iminente, não mais necessariamente de ordem física, mas que ocorre pelo não enquadramento às normas de conduta do grupo. Tais aspectos serão aprofundados a seguir.

Mesmo conscientes e assumindo os possíveis riscos inerentes à prática, os lutadores, assim como praticantes de mais esportes arriscados, estes condicionam e preparam seus corpos afim de evitar as consequências de lesões ou acidentes, conforme podemos perceber nos depoimentos dos atletas:⁵

Realmente tem o risco. Mas se a gente for ver, a questões de lesões e de mortes tem mais em outros esportes. Apesar de visualmente ser mais

agressivo. Você vendo ele você vê sangue, golpes, mas é um esporte tranquilo dentro das artes marciais (Tiago, 2020).

É prejudicial sim, claro, você está levando pancada na cabeça, mas quando comparada a outras modalidades de luta, o MMA é menos prejudicial (Tiago, 2020).

Hoje em dia o MMA é bem diferente do antigo Vale-tudo. Hoje tem muitas regras para preservar a integridade física do atleta. Para que o atleta possa entrar, lutar e sair com menor possibilidade de risco possível. Uma coisa que era muito prejudicial era o tiro de meta, quando a pessoa estivesse de quatro apoios você poderia chutar e pisar na cabeça dela e hoje não pode mais (Tiago, 2020).

A cada situação cabe, inevitavelmente, um julgamento próprio de si, como se o atleta avaliasse sua própria competência e o controle diante de uma realidade que lhe é apresentada. Trata-se não de uma exposição aleatória e arbitrária ao momento arriscado, mas sim requer, em menor e maior grau, projeções e cálculos para que se tente transpor aquele momento e chegar ao final do ordálio vitorioso.

“O perigo da aventura está permanentemente sujeito a seu profissionalismo e somente assim ela lhe proporciona a intensidade de seu exercício, o júbilo de haver triunfado.” (Le Breton, 2009, p. 27). A seguir serão avaliadas, à luz de fundamentação teórica expostas pelas ideias dos autores anteriormente citados, situações de risco relacionadas à prática do MMA a fim de compreender a dinâmica destas na perspectiva do ordálio moderno.

Dos riscos do treinamento

Ao integrar uma equipe de MMA, o atleta profissional deve seguir normas de conduta e exigências estipuladas a ele e aos demais integrantes do grupo. Esse conjunto de regras pode variar entre equipes distintas, porém, há ações que inevitavelmente se mantêm. Os treinos podem ser realizados uma ou duas vezes ao dia, mesclando a prática do próprio MMA como também treinamentos distintos de artes marciais específicas: *kickboxing*, *muay thai*, *boxing*, *submission*, dentre outras.

Os golpes de impacto – socos e chutes - e as finalizações torções, chaves de braço, de perna, de cervical e estrangulamentos - são movimentos repetitivos ao longo de um treino de uma atleta profissional. É no treinamento, na prática continuada, no reforçamento proposital de ações, reações e

⁵ Os depoimentos foram colhidos em entrevistas concedidas aos autores deste trabalho e também a partir da coleta de material de campo, durante os treinos. Os entrevistados permitiram que suas falas e depoimentos fossem publicados.

comportamentos que o lutador de MMA se compõe, o que comprova a perspectiva já apontada por Wacquant (2002) na qual ele afirma ser o *gym* - a academia - o espaço para compreensão mais profunda do ethos pugilístico. Não são as ruas, as competições, as vivências familiares, é a academia local de análise principal. O autor (Wacquant, 2002) caracteriza a *gym* como oficina onde se fabrica essa “arma-corpo” e são polidas as habilidades técnicas e saberes estratégicos.

Para os lutadores de MMA, observo o corpo, além do espectro de arma mencionada por Wacquant, uma máquina a ser trabalhada com atenção devida. Tal perspectiva reconhecida pelos atletas:

O corpo do atleta é uma máquina. Se estou lesionado, eu tenho que cuidar da minha lesão e não posso parar de treinar. Tenho que regar o que estou comendo. Porque isso vai me render ou não nos treinos. Tenho saber os horários que eu durmo (Arlen, 2020).

É ao longo de treinamento de meses que forja-se um corpo para luta de em média 15 minutos, com três rounds de cinco minutos ou cinco rounds de cinco minutos. Porém, este processo não ocorre sem traumas. Neste ambiente onde se transmite e desenvolve a competência esportiva (Wacquant, 2002), mesmo com os graus de afinidade entre membros, reside também o risco.

Quando vai treinar firme, dá na cara um do outro para derrubar mesmo. Depois fala: poxa, cara, eu fiz isso porque eu quero que você melhore (Arlen, 2020).

Quando você esta no treinamento, com seu amigo, tem riscos. Enfim, você está desferindo golpes um no outro (Tiago, 2020).

Lesões como cortes, sobretudo no rosto, inchaços nos membros e na face, demais contusões, se repetem na prática. O esgotamento físico, a desidratação são ameaças permanentes enfrentadas com atenção pelos atletas, que asseguram intervalos e momentos para hidratação estratégicos ao longo do treino. Vômitos e tonturas são episódios observados que já não provocam estranhamento exacerbado.

Mesmo com as pausas, há uma negociação constante entre a resistência do corpo, a capacidade e a lucidez da mente com as exigências do próprio treino, as imposições do técnico-professor e as respostas físicas aos movimentos do membro da equipe com o qual se treina no momento. Portanto, cabe ao atleta conciliar variantes que o colocam no fio da navalha (Le Breton, 2009) permanentemente,

com frequência quase diária. Apesar do risco a que o sujeito é submetido de modo naturalizado, a perspectiva do seu corpo inserido em um *habitus* específico de determinado grupo faz com o sujeito tenha “uma relação instrumental” (Bourdieu, 2011) com o físico. O corpo é tomado como instrumento para ação social. Ao mesmo tempo objeto e pretexto, o corpo implica “...grande investimento de esforços, de dificuldade ou, até mesmo, de sofrimento (tal como boxe) ...” (Bourdieu, 2011, p. 200).

A análise superficial dos treinamentos de MMA pode incorrer o pesquisador na equivocada constatação de uma possível busca pelo sofrimento. Porém, acredita-se que “efeito da mudança” se colocado para si, as consequências de transpassar o desafio do ordálio autoimposto “consolida um sentimento de identidade mais favorável” (Le Breton, 2009, p. 164). O ordálio experimentado pelo atleta de MMA passa a ganhar sentido na medida em que é vivenciado, tornando-se uma instância geradora de significado (Le Breton, 2009).

Não se sai ileso da experiência do treinamento, mesmo que recorrente. A superação de si, o aprimoramento técnico, o desenvolvimento da competência esportiva e a significação provocada faz do treino uma parte essencial da prática do MMA. O que se percebe é que, para o atleta, há sentido e valor em correr o risco ao treinar.

Da perda de peso

A perda de peso revela-se como uma das práticas mais arriscadas aos atletas de MMA. Trata-se de processo de redução drástica da dieta alimentar, desidratação e com inclusão de exercício e ações dirigidas para diminuição de peso em um intervalo curto de tempo. O tema já foi tratado por reportagens em veículos de comunicação nacionais e internacionais.⁶

Sauna, roupas para tempos frios, capas de chuvas, exercícios intensivos são algumas das ações realizadas pelos atletas. A dieta inicia-se com antecedência de cerca de um mês, porém, as ações intensivas mencionadas anteriormente costumam

⁶ O tema do MMA é constantemente explorado em matérias e artigos de jornais, revistas e em programas de emissoras de televisão. Como exemplos, cita-se: “O perigoso método usado por lutadores de MMA para perder sete quilos em um dia”, material publicada pela BBC Brasil; “Um motel, lutador desidrata e entra em agonia antes de sua luta”, do portal Uol e pelo jornal Folha de São Paulo.

ser realizadas um dia antes da pesagem oficial⁷ dos atletas profissionais, que precede o combate.

São frequentes os casos de atletas acometidos com problemas de saúde durante o processo de perda de peso. Tonturas, sede, fome, desidratação, dor de cabeça, falta de força para caminhar e, em casos mais graves, encaminhamento para emergência de hospitais ou até mesmo internação. Já foram relatados casos de mortes devido ao processo de perda de peso, como afirma a matéria publicada pela empresa de comunicação inglesa BBC (2017) intitulada “O perigoso método usado por lutadores de MMA para perder 7 kg em um dia”:

O risco de tal método é tamanho que neste mês o russo Khabib Nurmagomedov, um dos protagonistas principais torneios de MMA - o Ultimate Fighting Championship - precisou ser levado às pressas para o hospital. Em 2013, o lutador brasileiro Leandro "Feijão" Souza morreu no dia da pesagem, após sofrer um infarto quando estava na sauna. Ele havia tomado diuréticos e tentava perder 15 quilos em uma semana. Há dois anos, o chinês Yang Jian Bing, de 21 anos, também sofreu um ataque cardíaco e morreu como consequência do corte de peso (BBC, 2017).

Trata-se de um período de exposição extrema ao risco, o que leva a alguns praticantes a classificar o momento do “corte de peso” como mais desafiador e difícil que o da própria luta ser realizada posteriormente. “O sofrimento atravessado grava o traço irrefutável de um limite pessoal simbolicamente atingido.” (Le Breton, 2009, p. 165). O sofrer parece fazer parte do processo de imersão na cosmologia simbólica que envolve um combate.

A perda de peso semanas e dias antes da pesagem também é mencionada por Wacquant (2002).

Uma das obsessões dos praticantes do *Manly Art* é manter-se senão no peso ótimo, pelo menos nas proximidades de seu passo regulamentar. A velha balança metálica de braço que reina na sala dos fundos, está ali para lembrar a todos essa exigência. O folclore pugilista é cheio de relatos de boxeadores obrigados a fazer rocambolescas

7 No dia que antecede o evento esportivo, ocorre um evento denominado de pesagem oficial, onde todos os atletas que participarão do combate no dia seguinte devem pesar-se a fim de confirmar a categoria de peso na qual está classificado. Com isso, pretende-se atribuir às lutas equidade de forças e peso entre os lutadores.

proezas atléticas de última hora – muitas vezes, perigosas do ponto de vista médico -, de modo a perder os quilos a mais antes da fatídica pesagem (Wacquant, 2002, p. 158).

O autor apresenta ações que coincidem com as dos praticantes de MMA, como os treinos vestidos com várias camadas de roupa, enrolados em sacos plásticos, corrida por grandes extensões sob o sol (Wacquant, 2002). São variados os métodos, sobretudo de equipe para equipe. Em comum existe a necessidade de atingir o peso e o risco eminente neste processo.

As estâncias corpo e alma e seus entrelaçamentos apresentados por Wacquant (2002) revelam-se no momento da perda de peso. Configura-se uma batalha entre um corpo que tenta residir ou comprimir às imposições da mente, mas também uma mentalidade que quer desistir ou seguir em frente. Observa-se neste processo de perda de peso um diálogo, um jogo entre corpo e psiquê, um tentando conduzir o outro no intuito de atingir o objetivo.

Quando corpo encontra-se impelido em desistir, a mente lembra das recompensas, das motivações e da efemeridade do momento que “vai passar”. Entretanto, quando mente aciona o corpo para desistência, este demonstra, em estar vivo e ativo, mesmo sobrecarregado, que é possível transpor mais este ordálio e sair vitorioso. É vivendo à beira do limite e, sobretudo, quando este passa a categoria de memória positiva de um passado recente, que “rito pessoais de passagem” ou “ritos do ordálico”, na acepção de Le Breton (2009), atribui sentido ao ator submetido à experiência.

Mesmo vivendo o risco, o atleta de MMA o reconhece, o julga e experimenta suas consequências. Trata-se de um comportamento arriscado que tenta, na medida do possível, ser deliberado e premeditado, o que não exclui este de ser também um risco em si, sobretudo ao avaliarmos casos de morte e cancelamento de luta por consequência das ações da perda de peso.

Perda de peso é um dos fatores que mais prejudica o indivíduo. Tem a questão da desidratação, porque nosso corpo não foi feito para isso. Então você tem que ter o maior cuidado possível. Não é algo saudável. Quando você entra num esporte de alto rendimento, seja ele qual for, ele deixa de ser saudável, ele deixa de ser saúde. Sobre perda de peso, tem muita gente que faz de maneira amadora, errada, que acaba sendo muito mais prejudicial. Tem muita gente tomando

remédio para perder peso, diuréticos para desidratar (Tiago, 2020).

Sempre baixo 10 a 11 quilos para lutar. Na minha última luta, eu consegui baixar o peso de boa, mas com aquele mesmo sofrimento (Arlen, 2020).

“Vencer a balança” percebe-se já como um risco e ao mesmo tempo um desafio a ser transpassado de modo a sair deste momento com uma “vitória” precedente ao combate. A preparação para pesagem é um momento do ordálio, onde o um “rito de passagem individual sob forma radical” (Le Breton, 2009, p. 161) já se impõe antes mesmo da luta.

Do nocaute e finalização

Dos treinos aos momentos da luta, os atletas de MMA estão suscetíveis a se arriscarem em dois tipos de traumas muito frequentes: o nocaute ou a finalização. São esses dois motivos de interrupção do combate, seja pela desistência do adversário ou pelo final da luta imposto pelo árbitro principal.

O nocaute trata-se de uma palavra adaptada do termo inglês *knockout*, que tem sua origem na prática do boxe. Atualmente o termo é utilizado também associado à diversas artes marciais. No caso do MMA, o nocaute configura-se como o momento em que o atleta é atingido na cabeça ou na extensão do corpo e, devido ao golpe, pode perder a consciência ou demonstrar que não tem mais condições de luta. O nocaute técnico, uma categoria de nocaute, pode ser declarado pelo árbitro responsável pela luta devido a motivos como: interferência do médico que avalia o atleta, interrupção por parte da equipe técnica do lutador, parada por sequência de ataques sucessivos sem que o lutador demonstre capacidade de defesa e inúmeras quedas em decorrência de golpes no mesmo round.

A finalização ocorre quando um dos atletas aplica uma técnica que obriga o lutador adversário a desistir ou quando o árbitro para a luta ao perceber que um dos lutadores está impossibilitado de continuar a combater em decorrência de um determinado golpe aplicado, sendo este último mais comum em situações onde o atleta desmaia ou perde parcialmente a consciência. Torções de braços, joelhos, pé e pernas, estrangulamento em virtude da interrupção da passagem de ar, geralmente ocorrida na região do pescoço ou por pressão exercida no tórax, estes são alguns motivos que induzem ao término do combate por finalização.

Em ambos os casos – nocaute ou finalização, o risco é eminente ao atleta. Aqueles que adentram ao octógono durante as lutas ou até mesmo, de modo acidental, na prática dos treinos, os atletas reconhecem o perigo e são deliberadamente expostos a ele. Trata-se da vivência autoinduzida do ordálio, em menor e maior grau, controlada de acordo com variantes como domínio de habilidades técnicas, condicionamento físico, reconhecimento do “jogo do adversário”,⁸ equilíbrio e distribuição de energia durante os *rounds*, capacidade de adaptação e controle emocional diante do público, da torcida e da situação competitiva.

Nocautear ou ser nocauteado, finalizar ou ser finalizado, passar ileso ou não à prova do ordálio é o dever do lutador. Estar presente em sua totalidade no momento da luta trata-se de uma exigência, avaliando cada movimento do adversário e os seus próprios para, a partir disto, encadear golpes, como socos e chutes, ou aplicar tentativas de finalizações como mata-leão ou americana.⁹

O *ethos* do lutador inclui o risco em seu complexo emaranhado de esforço, sentimentos, movimentos, reações, alegrias e frustrações. O atleta é posto à prova e está sujeito à erros e acertos, vitórias e derrotas. “O indivíduo é arrancado de si mesmo, mergulhado em uma dimensão inédita de sua relação com o mundo.” (Le Breton, 2009, p. 163).

Da parte do derrotado, sobra a necessidade de assumir sua condição de inferioridade ou de “azar do destino”, caso contrário os riscos podem ser acentuados. Ao atleta estrangulado por enforcamento ou com o braço torcido pelo adversário, restam alguns segundos para bater com as mãos ou com os pés três vezes no corpo do adversário ou na lona do octógono, demonstrando sua desistência, sob pena de desmaiar ou quebrar o membro. Da parte do vencedor, cabe a insistência em provar sua habilidade e na continuidade de manter o golpe aplicado. O risco se põe entre os dois atletas como elemento de constante atenção, seja para submeter o outro ao momento arriscado ou na tentativa de escapar deste.

8 “Jogo do adversário” é um termo utilizado de modo recorrente pelos praticantes de MMA e representa o estilo predominantemente adotado pelos lutador com quem se irá lutar. “Estudar o jogo” significa analisar o modo como o lutador adversário costuma atuar na prática do MMA.

9 O mata-leão trata-se de um golpe na qual um dos atletas aplica um estrangulamento envolvendo um dos braços no pescoço do adversário. A americana é um espécie de torção na qual um dos lutadores torce o braços e antebraço do outro atleta, forçando sua articulações. Em ambos, os golpes são motivos para desistência do combate, sob pena de desmaiar ou quebrar o braço.

Se cabe a toda experiência de ordálio o arriscado, o MMA apresenta-se como tal tendo o corpo como “o instrumento do homem”, “primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem” (Mauss, 2003). É o corpo do próprio atleta e o corpo de seu adversário imediato que estão susceptíveis às finalizações e aos nocautes. Nos dois casos é possível perceber a quebra no monismo característico do uso do corpo nas ações do cotidiano apontada por Le Breton (2009). O corpo é propositalmente tensionado a favor ou contra, como defesa ou como ataque na luta.

Da não aceitação pelo grupo e do desrespeito às normas de conduta

Diante do risco eminente inerente à atividade, viver o ordálio em comunidade parece ser o caminho tomado com frequência pelas equipes de MMA. O lutador dificilmente desenvolve sua competência esportiva isolado de todos. É na relação social que o arriscado torna-se possível de controle. Juntos, indivíduos que partilham de um fim comum passam a conviver com o risco de modo costumeiro, sem gerar estranhamento e aversão entre aqueles que vivenciam a experiência do ordálio.

Porém, o pertencimento ao grupo não ocorre de maneira instantânea e sem tensões. Na relação social estabelecidas entre o indivíduo e seu grupo, entre consciência individual e consciência coletiva, os tensionamentos podem ocorrer. Segundo George Simmel ([1917] 2006), o sujeito tem suas ações permeadas pela própria hesitação e pelas determinações do grupo:

Os grupos sociais, em contrapartida, mesmo que vencidos com frequência sua orientações de ação, estariam convencidos, a cada instante e sem hesitações, de uma determinada orientação, progredindo assim continuamente, sobretudo saberiam sempre quem deveriam tomar por inimigos e quem deveriam considerar amigo (Simmel, [1917] 2006, p. 40).

Ao participar do grupo, o indivíduo deve submeter-se a uma lógica interna de funcionamento regidas por normas e regras próprias. Ao tentar conciliar os riscos físicos existente na prática esportiva, o atleta deve também tomar como parâmetro para ação as imposições do grupo e encontrar balizas (Le Breton, 2009, p. 51) para existir no mundo a partir da relação com o outro.

Nesta tentativa de conciliação entre o ser individual e o grupo ao qual se está vinculado, no

caso, entre o atleta profissional e sua equipe de MMA, os riscos também emergem. Qualquer sinal de indisciplina e desrespeito em relação à autoridade do mestre, professor ou líder da equipe é cabível de advertências, conversas, punição, castigos e até expulsão do grupo. Tal configuração pode ser observada a partir das evidências emergidas do campo e pelos depoimentos dos integrantes da equipe pesquisada.

Raramente quem entra na nossa equipe sai. E quem entra e não tem aquela sintonia com a gente sai muito rápido, porque não consegue se encaixar com a galera. Aqui não tem creonte, traidor, não tem quem fala de ninguém pelas costas. Se tem alguma coisa pra falar a gente fala na cara. Se a gente tá nervoso um com outro a gente resolve no treino e depois conversa, depois se abraça, tá ligado? Se ajuda. Quando vai treinar firme a gente dá na cara um do outro pra derrubar mesmo e depois fala “Poxa, cara, eu fiz isso porque eu quero que você melhore” e assim vai (Arlen, 2018).

Se tiver um aluno, uma atleta que tá fazendo uma coisa errada, que não tá fazendo um golpe da maneira correta, aí o outro vai lá e ajuda. Não tem aquela rixa, não tem aquele negócio de um querer ser melhor que outro. Isso não existe aqui, nunca existiu. Nunca! Desde de que quando entrei em 2010, eu me apaixonei, eu percebi isso. (Marcos, 2019).

Conflitos entre atletas que culminam em lesões provocadas entre companheiros da mesma equipe também são vetadas. O cumprimento ao entrar no tatame ou antes e depois dos combates em treinamento na academia, o respeito à hierarquia estabelecida por graduação em determinadas artes marciais e relativo aos anos de prática, o comprometimento à rotina de treinos, ao tempo de repetição designada a cada um dos exercícios a serem praticados, são estas normas de conduta dentro do grupo. Não basta minimizar os riscos ao próprio corpo. Há uma necessidade de “cumprir as regras”, de reproduzir as ações postas como normas, evitando questionamento. O *habitus* (Bourdieu, 2011) do lutador deve ser reforçado na repetição e na aceitação entre membros do grupo, caso contrário os riscos e as punições serão aplicadas.

O corpo e suas ações são tomadas como instrumentos para ação social, seguindo a perspectiva de Bourdieu, mas submetida a vigilância de “...um

poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sendo sujeitos ou mesmo que o exercem.” (Bourdieu, 2006, pp. 7-8). Trata-se do poder simbólico, na acepção de Bourdieu, que gera e rege a coerência interna de um grupo com indivíduos que se reconhecem em suas práticas.

Das regras que tentam evitar o risco físico

Mesmo o ordálio medieval, em sua essência brutal e arriscada, apresentava normas e restrições a serem impostas aos acusados. O ordálio moderno classificado por Le Breton (2009) também tem suas próprias imposições, sejam estas publicamente conhecidas, oficiais, estatutárias, impostas pela natureza ou colocadas pelo próprio sujeito.

Le Breton (2009) analisa com frequência o caso de escaladores que avaliam as condições meteorológicas, as características da superfície a qual será escalada e checam equipamentos no intuito de minimizar ou controlar os riscos da atividade. No entanto, o que se percebe no caso da prática do MMA e também no boxe apresentado por Loic Wacquant (2002), é a existência de um regimento, de regras oficiais que devem ser cumpridas para desenvolvimento de um combate.

Segundo o conteúdo apresentado no site da CABMMA, as regras e o estatuto visam “a organização e a conduta ética da prática de MMA” (CABMMA, 2017). São três documentos que estabelecem as normas: Regra Unificadas e outros regulamentos; Uso de Replay instantâneo no MMA; Estatuto do CABMMA.

O principal documento¹⁰ que reúne as diretrizes para os combates denomina-se “MMA, Regras unificadas e outros regulamentos”, composto de 21 páginas divididas em 17 determinações. A análise das proibições e limitações descritas no texto do documento permite realizar uma avaliação em relação aos possíveis perigos à saúde e ao corpo do lutador. Tomamos como exemplos alguns casos descritos.

O item sete Protetor bucal:

A) Todos os atletas devem usar protetor bucal durante um Combate.

O protetor bucal deve ser inspecionado e aprovado pelo médico presente.

B) O round de um Combate não pode começar sem o protetor no lugar.

C) Se o protetor cair involuntariamente durante o Combate, o árbitro deve pedir tempo, limpá-lo e reinseri-lo na boca do Atleta que o perdeu, no primeiro momento oportuno, sem interferir na ação imediata (CABMMA, 2017).

O protetor bucal é um equipamento essencial a todos os lutadores. Trata-se de um molde, em geral de borracha, a ser usado na parte superior da arcada dentária dos atletas. Seu uso garante sobretudo a diminuição na possibilidade de duas lesões: a perda dos dentes e os cortes nos lábios. Porém, não são raros os casos desses dois tipos de lesões.

No item 15 do mesmo documento estão estipuladas as faltas e proibições. Destacam-se aqui:

(i) Dar cabeçada; (ii) Qualquer tipo de ataque utilizando o dedo no olho; (iii) Morder; (vii) Qualquer tipo de ataque à região genital; (viii) Colocar o dedo em qualquer orifício, corte ou laceração; (x) Golpear com a ponta do cotovelo de cima para baixo; (xi) Golpear a espinha ou parte de trás da cabeça; (xii) Golpear os rins com os calcanhares; (xiii) Qualquer golpe na garganta, incluindo, sem limitação, agarrar a traqueia; (xiv) Agarrar, beliscar, torcer a pele ou carne; (xv) Chutar a cabeça de um adversário caído; (xvi) Aplicar joelhadas na cabeça de um adversário caído; (xvii) Pisar em um adversário caído; (xxvi) Arremessar um oponente para fora do ringue/ área cercada; (xxviii) Arremessar o adversário contra a lona sobre sua cabeça ou coluna (CABMMA, 2017).

As faltas mencionadas são estatutárias, decretadas em documento oficial e aceita pelos atletas e equipes que participam de eventos regidos sob essas normas. Mesmo de modo regulamentado, observa-se que as ações descritas não podem ser controladas de maneira garantida. Casos de ferimentos por cabeçadas ou interrupções de luta por golpes na região genital são frequentes, ainda que de maneira involuntária. Golpes com a ponta do cotovelo de cima para baixo e socos na espinha na parte de trás de cabeça ocorrem e são, quando detectados pelo árbitro, punidos com perda de pontos ou desclassificação do atleta.

A situações descritas anteriormente tem sua proibição demarcada, sobretudo, pelo risco de gerar lesões graves e até mesmo irreversíveis aos atletas. A probabilidade de ocorrências deste tipo há e são reconhecidas com punições descritas no mesmo documento:

16. Contusões Geradas Por Golpes Legais e Faltas.

¹⁰ Acessado no dia 15 de agosto de 2017.

A) Se uma contusão causada por golpe legal for severa o suficiente para encerrar um Combate, o Atleta machucado deve ser declarado perdedor por

nocaute técnico.

B) Se uma contusão causada por uma falta intencional, assim

determinada pelo árbitro, for severa o suficiente para encerrar um Combate, o Atleta que causou a contusão deve ser declarado perdedor por desclassificação (CABMMA, 2017).

O que se observa por parte de atletas, praticantes, árbitros, equipes e público é a aceitação oficial do risco. É na tentativa de controle por meio dessas normas que tenta-se minimizar situações arriscadas, porém, não seria possível eliminá-las de modo categórico. Nesta perspectiva, subir ao octógono é assumir riscos de modo deliberado. Porém, não se trata de viver o arriscado apenas, mas sim de gerar sentido em um momento “auratizado”. “Os jogos simbólicos com a morte são uma maneira de fabricar o sagrado” (Le Breton, 2009, p. 163).

Tal como as sanções e os limites do ordálio medieval, se configura no ordálio moderno, com um diferencial já apontado por Breton: a possibilidade de escolha. O atleta não é acusado de crime, não foi imposto a este a obrigação do risco. Trata-se de uma experiência vivida por vontade própria.

Considerações finais

O ordálio moderno percebido por Breton trata-se da lufada de sentido à vida que, em sua constância e estabilidade possível, finca atores sociais às regulações e as práticas repetitivas do cotidiano. “A existência individual conhece então um movimento pendular que vai do risco a segurança” (Le Breton, 2009: XI). O sujeito contemporâneo se coloca a experiência o ordálio de modo a sentir o poder do sobrevivente e construir ou reafirmar sua identidade como processo individual ou em sua alteridade, na relação com o outro.

Essa perspectiva pode ser percebida na análise dos resultados colhidos em campo e sobretudo a partir de uma vivência da observação participante que permitem o enquadramento da prática de MMA como um ordálio moderno. Riscos são assumidos e consentidos, não à toa e de maneira aleatória. Não é o desejo de morte que guia o atleta, se não, pois a

busca pelo “sentimento de criatura”, “da plenitude do viver” (Le Breton, 2009).

Ser atleta de MMA e viver o ordálio desta atividade em diversas instâncias trata-se de um processo de produção de sentido e atribuição de valor à vida, mesmo no paradoxo da possível “destruição” do corpo. É no desgaste da carne que a alma ganha vida, o que Wacquant apontava como imbricações entre “*body and soul*”. Se o viver embute o risco, que este seja produtivo, pelo menos à lógica dos praticantes de MMA.

A análise dos resultados da pesquisa empreendida reconhece a importância da compreensão de uma série de comportamentos de atores sociais e de fatores engendrados a estes. Associados à prática do MMA, encontram-se também a história de vida particulares, riscos passados e futuros, relações entre indivíduos e grupo como instituição simbólica, um *habitus* de lutador que vai além do arriscado e que, de modo oposto, pode procurar justamente a estabilidade.

Foi neste sentido que pautou-se a pesquisa apresentada neste artigo, de modo a identificar, analisar, relacionar comportamentos e fenômenos sociais na interface do grupo de praticantes de MMA, sobretudo, pela incorporação como pesquisador e observador participante deste *ethos* de lutador.

Referências bibliográficas

- Barthélemy, D. (1988). Diversité des ordalies médiévales. *Revue Historique*, 280 1 (567), 3-25.
- BBC (15 de marzo de 2017). Perigoso método usado por lutadores de MMA para perder 7 kg em um dia. <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39280340>
- Bourdieu, P. (2011). *A distinção: crítica social do julgamento*. Editora Zouk.
- Burke, P. (2002). *História e teoria social*. Editora UNESP.
- CABMMA. (2017). Regras e Estatuto.
- Camilo, J. A. de O. (2016). *Afinal, quem são os lutadores de MMA (Mixed Martial Arts)?* OMP Editora.
- Ferrasin, M. M. (2013). Ordálios e duelos nos escritos de Agobardo de Lyon. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora.

- Le Breton, D. (2009). *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Autores Associados.
- Mauss, M. (2003). As técnicas do corpo. In *Sociologia e Antropologia* (pp. 401-424). Cosac & Naify. (Trabalho original publicado em 1934)
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Relume Dumará.
- Simmel, G. [1917] (2006). *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Jorge Zahar Ed.

Citado. Nunes de Sena, Claudio Henrique y Marques Rodrigues, Kadma (2024) "Lutar com o risco. A prática do Mixed Martial Arts– MMA como ordálio moderno" en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°45. Año 16. Agosto 2024-Noviembre 2024. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 36-47. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/issue/view/453>

Plazos. Recibido: 27/06/2021. Aceptado: 13/02/2024.